

Usos antroponímicos da construção X-eiro no português: uma análise morfossemântica de sobrenomes

Anthroponymic uses of the X-eiro construction in Portuguese: a morphosemantic analysis of surnames

Letícia Santos RODRIGUES*
Natival Almeida SIMÕES NETO**

RESUMO: Este trabalho se insere no âmbito da Antroponímia, vertente onomástica que se dedica ao estudo dos nomes de pessoas, os “antropônimos”. Nesta oportunidade, objetiva-se investigar sobrenomes advindos da herança lexical portuguesa com a presença do formativo -eir(o/a) a fim de compreender qual a informação semântica veiculada em tais sobrenomes, analisando caso a caso. Tal investigação, com base nas pesquisas de Simões Neto (2020) e Rodrigues (2024), e fundamentada pelos princípios teóricos da Linguística Cognitiva (Geeraerts, 2006; Haspelmath, 2003; Lakoff; Johnson, 2002), valeu-se de *corpora* datados, a saber: a) fichas de matrícula preenchidas pelos imigrantes portugueses que, entre 1887 e 1889, registraram-se na Hospedaria de Imigrantes do Brás, em São Paulo; b) passaportes dos portugueses que migraram para o Brasil entre 1888 e 1890, documentação preservada pelo Arquivo da Universidade de Coimbra; e c) lista dos candidatos aprovados na primeira fase da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), em 2017, de domínio público. Em termos metodológicos, a pesquisa se dá em três etapas: a) seleção dos *corpora*; b) recolha dos sobrenomes, considerando a presença do formativo -eir(o/a), totalizando 105 ocorrências; e c) pesquisa etimológica, por meio da consulta aos dicionários onomásticos de Nascentes (1952), Guérios (1981) e Machado (2003), principais referências em língua portuguesa, e também ao dicionário de Cunha (2010), acerca do léxico comum. Como conclusão, ao estabelecer uma comparação entre os resultados de Simões Neto (2020) e Rodrigues (2024), observa-se uma patente similaridade no que tange à análise semântica, sendo quase todas as categorias verificadas em ambos os trabalhos. Constatata-se, por exemplo, a predominância de sobrenomes com o formativo -eir(o/a) ligados às categorias “Aspectos regionais, da vegetação ou locais de proveniência” e “Aspectos profissionais, títulos ou utensílios”, representando, juntas, 85% da amostra; mas também a ausência de sobrenomes ligados às categorias “anomalias” e “atitudinais”, verificadas em meio aos nomes comuns – principalmente tratando-se de doenças ou de atitudes julgadas como depreciativas, talvez por configurarem uma espécie de tabu linguístico. O trabalho ainda tem como resultado a contribuição que oferece ao tema,

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). São Paulo/SP – brasilletisr@alumni.usp.br

** Doutor área de Linguística Histórica (UFBA). Professor de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador/BA – Brasil. nativalneto@gmail.com

aliando a perspectiva onomástica a uma análise de cunho cognitivo, focando em aspectos morfossemânticos.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica. Antropónimia. Sobrenomes. Formativo -eir(o/a).

ABSTRACT: This work is part of the scope of Anthroponymy, an onomastic branch dedicated to the study of personal names, the “anthroponyms”. The objective here is to investigate surnames coming from the Portuguese lexical heritage with the presence of the formative -eir(o/a) in order to understand the semantic information conveyed by such surnames, analyzing each case. This investigation is based on the research of Simões Neto (2020) and Rodrigues (2024), and founded on the theoretical principles of Cognitive Linguistics (Geeraerts, 2006; Haspelmath, 2003; Lakoff; Johnson, 2002). It used dated *corpora*, namely: a) the registration forms filled out by Portuguese immigrants who, between 1887 and 1889, registered at the Hospedaria de Imigrantes do Brás, in São Paulo; b) the passports of Portuguese immigrants who migrated to Brazil between 1888 and 1890, documents preserved by the University of Coimbra Archives; and c) the list of candidates approved in the first call of the Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), in 2017, in the public domain. Methodologically, the research is conducted in three stages: a) selection of *corpora*; b) collection of surnames, considering the presence of the formative -eir(o/a), totaling 105 occurrences; and c) etymological research through consultation the onomastic dictionaries of Nascentes (1952), Guérios (1981), and Machado (2003), main references in the Portuguese language, and also the dictionary of Cunha (2010), regarding the common lexicon. In conclusion, by comparing between the results of Simões Neto (2020) and Rodrigues (2024), a clear similarity is observed in terms of semantic analysis, with almost all categories verified in both works. For example, there is a predominance of surnames with the formative -eir(o/a) linked to the categories “Regional aspects, vegetation, or places of origin” and “Professional aspects, titles or utensils”, which together represent 85% of the sample; but there is also an absence of surnames linked to the categories “anomalies” and “attitudinal”, found among common names – mainly when dealing with diseases or attitudes considered derogatory, perhaps because they constitute a kind of linguistic taboo. The work also contributes to the topic by combining the onomastic perspective with a cognitive analysis, focusing on morphosemantic aspects.

KEYWORDS: Onomastics. Anthroponymy. Surnames. Formativo -eir(o/a).

Artigo recebido em: 09.04.2025

Artigo aprovado em: 19.05.2025

1 Introdução

No rol das pesquisas desenvolvidas em Onomástica – ciência linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, de modo geral – frequentemente figuram no centro das análises os topônimos (nomes de lugares) e os antropônimos (nomes de pessoas), representados na devida ordem pelas vertentes onomásticas reconhecidas

como Toponímia e Antroponímia¹. Quanto aos antropônimos, em específico, é possível identificar itens diversos em termos de uso e comportamento na língua, distribuídos entre oficiais e não oficiais, segundo o ordenamento jurídico. No campo dos antropônimos oficiais estão o prenome e o sobrenome que, juntos, constituem o ortônimo: “(do grego *ort(o)-* = correto, normal + *ónoma* = nome de uma pessoa), que corresponde com o nome civil completo” (Amaral, 2011, p. 69), registrado em cartório e atestado como a máxima identificação de um indivíduo em sociedade.

Neste trabalho, nosso interesse se volta para os sobrenomes a partir de três perspectivas de análise, imbricadas entre si, mas apresentadas em separado por uma opção metodológica. São elas: a) histórica, tendo em vista a seleção dos *corpora* e a natureza dos dados; b) semântica, fundamentada pelos princípios da Linguística Cognitiva, nossa base teórica, e aplicada por meio do elenco de categorias semânticas associadas aos sobrenomes analisados; e c) morfológica, também com base cognitiva e voltada especificamente para a atuação do formativo² -eir(o/a). Destarte, a fim de melhor embasar a investigação que se dará *a posteriori*, passaremos a uma exposição desses três ambientes de análise.

¹ O uso dos termos “Antroponímia” e “Toponímia” neste trabalho, em desacordo com a recomendação do The International Council of Onomastic Sciences (ICOS) (disponível em: https://icosweb.net/wp/wp-content/uploads/2022/06/Portuguese-LANGUAGE_ICOS-Terms-pt-version-revised.pdf), que solicita o emprego de “Antropónomástica” e “Toponomástica”, deve-se ao entendimento de que a profusão de termos envolvendo os mesmos conceitos acaba prejudicando a compreensão do conteúdo por seu público leitor – especializado ou não. Isso porque, ainda que sejam utilizados “Antropónomástica” e “Toponomástica” para designar as subáreas em questão, “antroponímia” e “toponímia” continuarão sendo aplicadas para indicar o conjunto de antropônimos/topônimos de uma dada região. Seide (2024), em seu artigo “Definições e usos dos termos ‘Antroponímia’ e ‘Antropónomástica’ em dissertações e teses do Observatório Onomástico (O-Onoma)”, desenvolve uma abordagem sobre o tema.

² A opção pelo termo “formativo” em vez do termo “morfema” deve-se à consideração de que a definição tradicional de morfema pressupõe unidades mínimas, recorrentes e significativas, o que, em se tratando do léxico antropônímico, não é o conceito mais bem adequado. Assim também utilizam Gonçalves (2016a, 2016b), Rodrigues (2016; 2019; 2020), Rodrigues e Viaro (2021), Simões Neto e Soledade (2018) e Soledade e Lopes (2015).

2 Contraparte histórica, metodologia e apresentação dos *corpora*

Como dito, esta pesquisa se propõe a investigar os sobrenomes, ou seja, itens antropônimos que, na tradição da língua portuguesa, apresentam-se após o(s) prenome(s), transmitidos ao longo de uma linha de descendência e que possuem validade jurídica. Nesta ocasião, voltaremos nosso olhar para os sobrenomes portugueses, considerando a herança legada ao quadro antropônimo brasileiro em razão da influência política, linguística e cultural que Portugal exerceu sobre o Brasil desde a época da colonização. De modo ainda mais específico, desejamos abordar os sobrenomes ligados ao uso do formativo -eir(o/a), no intuito de melhor compreender qual a informação semântica veiculada, analisando caso a caso. Não foi interesse desta pesquisa propor uma análise comparativa com outros idiomas e contextos antropônimos, portanto.

A opção por sobrenomes portugueses se deveu, além da inegável influência da relação “colonizador-colonizado”, ao fato de que esse grupo compôs, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o segundo maior ajuntamento de imigrantes que se dirigiram ao Brasil no período da “Grande Imigração”, que compreende os anos 1880 até meados de 1930³. Muitos desses portugueses saíram de suas terras em busca de condições melhores de vida, tendo em vista, por um lado, as diversas crises que atingiam a Portugal Oitocentista e, por outro, o auspicioso momento da economia brasileira. Isso porque até 1870, lembremos, São Paulo ainda era vista como uma cidade pequena. Sua expansão ocorre justamente no final do século XIX, alavancada pela expansão da cultura cafeeira e pelo desenvolvimento de suas indústrias. Por conseguinte, “São Paulo foi o estado brasileiro que subsidiou maior número de imigrantes depois de 1850” (Barbosa, 2003, p. 191).

Partindo desse princípio, com base nas mesmas premissas e documentações utilizadas por Rodrigues (2024), a escolha dos *corpora* buscou contemplar materiais

³ Para mais informações, conferir o link: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>

ligados, de alguma forma, a esse contexto imigratório. Para tanto, trabalhamos com as seguintes fontes de coleta: a) registros de matrícula de portugueses recém-chegados ao Brasil que buscaram abrigo na Hospedaria de Imigrantes do Brás entre 1887 e 1889; b) passaportes de portugueses que migraram para o Brasil entre 1888 e 1890, documentação conservada pelo Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), atinentes ao Fundo do Governo Civil de Coimbra; e c) lista dos candidatos aprovados na primeira fase da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), em 2017, de domínio público – que, apesar de não guardar relação estrita com o cenário da imigração, é uma longa lista antroponímica que pode dar um direcionamento quanto ao comportamento desses sobrenomes em uma conjuntura mais atual.

Acerca do quantitativo arrolado, tais *corpora* corresponderam, respectivamente, a 13.489, 4.427, e 8.851 ortônimos, totalizando 26.767 registros. Considerando ainda que cada ortônimo costuma ter, ao menos, dois sobrenomes, estimamos uma exposição a mais de 50 mil sobrenomes. A opção por essa expressividade numérica justifica-se pela frequente repetição desses itens que, embora diversos, não apresentam uma criatividade tão patente quanto a que se associa à criação de prenomes⁴.

Em termos metodológicos, o primeiro passo envolveu justamente a seleção dos *corpora*, ponderando a relevância histórica, a importância onomástica e o recorte temporal aplicado a cada um. Nesse sentido, tratando-se de longas listas e/ou ficheiros antroponímicos preservados por organizações de prestígio e mérito, escolhemos dois períodos específicos e estratégicos – o primeiro, que circunda o final do século XIX, época em que o alto fluxo imigratório ainda estava em voga; e o segundo, como dito, situado já no século XXI, a fim de observar o comportamento desses sobrenomes numa sincronia mais próxima.

A seguir, o segundo passo da nossa metodologia abrangeu a recolha dos sobrenomes, considerando fundamentalmente a presença do formativo -eir(o/a), tendo

⁴ Para mais informações sobre o tema, consultar os trabalhos de Rodrigues (2016; 2019; 2022) e Rodrigues e Viaro (2021).

por base os pressupostos já estabelecidos na pesquisa de Simões Neto (2020), quando trabalhou com o léxico dos nomes comuns. Com tais itens reunidos, o terceiro e último passo compreendeu a consulta aos principais dicionários onomásticos em língua portuguesa, a saber: *Dicionário etimológico da língua portuguesa - Tomo II*, de Antenor Nascentes (1952), *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Mansur Guérios (1981), e *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003)⁵. Quanto ao léxico comum, quando necessário, também foi consultado o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010). De posse de tais informações advindas da pesquisa etimológica, procedemos à determinação das categorias semânticas, em cotejo com as categorias observadas em Simões Neto (2020) e Rodrigues (2024).

Assim, com a estruturação deste trabalho já bem definida, passaremos a uma breve revisão das diversas conjunturas históricas e linguísticas que resultaram na organização hodierna do quadro antroponímico português no que tange à manifestação e ao estabelecimento de novos itens onomásticos.

3 Contextualização onomástica

Acerca da organização onomástica portuguesa, considerando a influência de mudanças sociopolíticas e a conformação de itens lexicais assumindo novas funções, precisamos retroceder alguns anos a fim de entender melhor esse contexto. Para tanto, à época do Império Romano, na Península Ibérica, predominava o sistema onomástico designado como *trianomina*, composto por *praenomen* (nome próprio individual), *gentilicum* (indicando clã ou *gens*) e *cognomen* (designando família ou grupo familiar inserido na *gens*, logo, referindo-se a uma esfera menor), como podemos observar a partir do exemplo do imperador “Caius Iulius Caesar” (Câmara Jr, 1997). De acordo

⁵ Com sua primeira publicação datada em 1981, sendo posteriormente reeditado em 1993 e, em sua última e mais recente edição, de 2003.

com Petkova (2016, p. 17-18, tradução nossa⁶), acredita-se que esse arranjo “[...] tenha sido usado desde o século V a.C., mas seu primeiro uso em documentos oficiais data do século II a.C. e foi preservado inalterado na Roma Antiga até o início do reinado de Sulla, ou seja, até o final do período da República Romana”.

A queda do Império Romano e o assentamento de povos germânicos na região favoreceu o desuso de tal organização. Nesse ponto, à vista desse “empobrecimento onomástico”, aumentaram os casos de homônimia, exigindo a presença de um item que diferenciasse os indivíduos em seu meio social. Passa a figurar, então, o patronônimo, onomato medieval estabelecido e generalizado a partir do século XII com a função primeva de relacionar o portador ao seu pai, ratificando a relação genealógica correntemente por meio de uma modificação formal – correntemente, pois às vezes os prenomes do pais eram apenas repetidos, sem a adição de sufixo. Nesse cenário, Gonçalves elucida que o patronônimo:

apresenta-se sempre grafado na forma genitiva, apenso ao nome do filho [...]. Se é verdade que, de certo modo, este sistema antropônímico fragmentava a família em pares de gerações, [...] não o é menos que só deste modo o indivíduo se apresentava perante a sociedade, munido de uma identificação completa: para lá do nome próprio, seu patrimônio inalienável, aquele outro que não lhe pertencia de forma gratuita e absoluta e que até mesmo podia alienar, mas que o protegia, enquadrando-o numa comunidade específica em que o pai era o primeiro e máximo referente. Dava-lhe, por assim dizer, a credibilidade a que, na Idade Média, alguém desenraizado não podia aspirar (Gonçalves, 1999, p. 349).

Em termos morfológicos, a filiação se dava:

1) ou por um genitivo em -i, que era comum a outras relações, e bem assim em -e (*e-ae*, *-is*, *-onis* (*e-oni*), *-anis* (*e-ani*)); 2) ou por um genitivo com sufixo próprio, isto é, em *-az*, *-oz*, *-uz*, e em *-iz* (tornado depois, *-ez*,

⁶ No original: “[...] it has been used since the Vth century BC, but its first usage in official documents dates back to IIInd century BC and it was preserved unchanged in Ancien Rome until the beginning of the Sulla’s reign, i.e. until the end of the Roman Republic period”.

-es, etc.), ainda que nem todos com igual freqüência (Vasconcelos, 1928, p. 101-102, grifos do autor).

Especificamente quanto à língua portuguesa, prevaleceu a terminação -es, mas essa intervenção morfológica acaba por se tornar um obstáculo devido à falta de compatibilidade com determinados prenomes.

De qualquer maneira, a organização prenome + patronímico é uma característica do período medieval, caindo em decadência – já com o aumento populacional, os regulares episódios de homônimia e o impasse morfológico – após meados do século XV (Vasconcelos, 1928). Assim:

Face a estas dificuldades, ao sistema antroponímico de base, formado por um nome próprio e um patronímico, foram sendo, sucessivamente, associados outros elementos de diferenciação dos indivíduos, como a indicação das profissões ou cargos que desempenhavam, dos seus locais de morada ou de proveniência e todo o tipo de alcunhas. [...] O patronímico foi, então, perdendo a sua primitiva função e transformando-se, em ritmo cada vez mais acelerado, em apelido de família (Santos, 2003, p. 230-231).

Nesse contexto, que requeria uma organização onomástica mais complexa e bem estruturada, as alcunhas passaram a adicionar informações específicas ao sujeito. No entanto, não podemos olvidar que a organização registral portuguesa, a princípio, não seguia critérios rígidos e bem estabelecidos, sendo a formalidade das regras de fato instituída pelo Código do Registo Civil⁷, de 10 de abril de 1928, quase não havendo orientações legais durante o Antigo Regime (século XV até finais do século XVIII).

Logo:

Não é muito o que se conhece sobre a gênese e as formas de transmissão dos apelidos nos grupos, digamos, populares. Sabe-se que, no período medieval, os nomes das pessoas eram geralmente constituídos pelo nome próprio e pelo patronímico, eventualmente,

⁷ Disponível em: <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1928/04/08700.pdf>

por um terceiro elemento, uma alcunha, profissão ou topónimo, que servia para ultrapassar as frequentes homônimas. Conhece-se pouco sobre como é que estes elementos evoluíram para apelidos (Monteiro, 2008, p. 53).

De todo modo, as alcunhas tornadas sobrenomes – quando, às vezes por desejo dos seus portadores, passaram a ser transmitidas hereditariamente e, por esse motivo, perderam seu caráter individualizador ao designar gerações inteiras – revitalizaram o quadro onomástico português, pois “Se a onomástica daqueles dois primeiros elementos do antropónimo era pobre, [...] a deste terceiro elemento era extremamente variada e rica, porque atribuída com a maior liberdade pelo povo e motivada pelas mais diversas circunstâncias” (Gonçalves, 1972, p. 175-176).

Como dito, a escolha das alcunhas perpassou naturalmente alguns campos semânticos, que com frequência referiam-se ao próprio modo de vida em sociedade, considerando o fato de que “[...] não somos apenas entidades biológicas: também temos uma identidade cultural e social, e nossa linguagem pode revelar essa identidade, ou seja, as línguas podem incorporar a experiência histórica e cultural de grupos de falantes (e indivíduos)” (Geeraerts, 2006, p. 5, tradução nossa⁸). Então, quando analisamos os sobrenomes a partir de uma pesquisa etimológica rigorosa e respeitando a sobreposição das sincronias, é possível desvelar uma organização semântica congruente, ainda que a motivação permaneça quase sempre no âmbito da pressuposição, “[...] pois já não se podem reconstruir significados metafóricos e várias circunstâncias que podem ter produzido aquele adjunto ou determinante, ou alcunha, que mais tarde se tornou um sobrenome” (Marcato, 2009, p. 65, tradução nossa⁹).

Na seção dedicada à análise dos dados serão apresentadas as categorias semânticas identificadas em nossa pesquisa, mas antes se fará necessário abordar a

⁸ No original: “[...] we are not just biological entities: we also have a cultural and social identity, and our language may reveal that identity, i.e. languages may embody the historical and cultural experience of groups of speakers (and individuals)”.

⁹ No original: “[...] non essendo più ricostruibili significati metaforici e circostanze varie che possono avere prodotto quell’aggiunto o determinante, o soprannome, divenuto poi un cognome”.

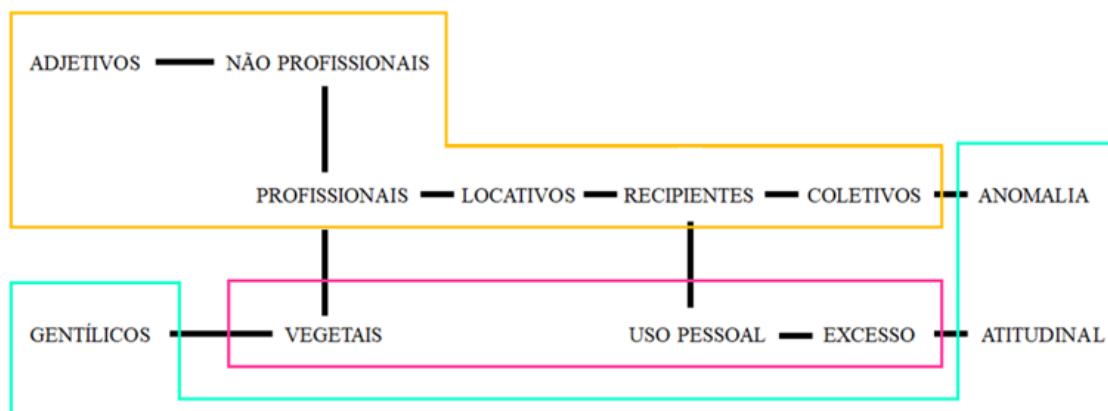
perspectiva morfológica de análise, também responsável pelo embasamento teórico deste trabalho.

4 O sufixo -eir-: da origem latina à difusão na România

O sufixo -eir- origina-se no latim *-arius*, tendo, originalmente, a função de formar, por derivação, adjetivos de caráter relacional, tais como *coquinarius* (relativo à cozinha), *ferrarius* (relativo ao ferro) e *sanguinarius* (relativo ao sangue). Como explicam Viaro (2011) e Simões Neto (2020), o emprego recorrente das formas derivadas em *-arius* em fórmulas sintagmáticas, como *servus X-arius* (*servus coquinarius* – servo da cozinha) e *faber X-arius* (*faber ferrarius* – artesão do ferro), favoreceu a extensão semântico-funcional desse padrão e as palavras derivadas com *-arius* passaram a designar profissões e ocupações. Esse significado se tornou o mais prototípico das formações X-arius e, a partir dele, por mecanismos de metáfora e metonímia, outros significados se desenvolveram. A ampla rede semasiológica de X-arius no latim se preservou nas construções que dela se derivaram nas línguas românicas.

Simões Neto (2020), em sua tese de doutorado, apresentou uma análise cognitiva, construcional e comparativa das formas descendentes do sufixo *-arius* em sete línguas românicas, a saber: romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português. Sem deixar de tratar do formativo original latino, o autor se debruçou sobre dados extraídos de dicionários dessas sete línguas neolatinas, investigando-os com base nos pressupostos da Semântica Cognitiva (em especial, Lakoff e Johnson, 2002), da Morfologia Construcional (Booij, 2010) e da Teoria dos Mapas Semânticos (Haspelmath, 2003), sendo essa última uma proposta cognitivo-funcional de análise tipológica. A partir dos dados analisados, Simões Neto (2020) propôs o seguinte mapa semântico, na Figura 1.

Figura 1 – Mapa semântico das construções X-ari- no latim e nas línguas românicas.



Fonte: Simões Neto (2020, p. 641).

Sobre esse mapa, Simões Neto (2020, p. 641) explica que:

- em laranja, há uma rede semântica fixa e básica que alcança a todas as línguas românicas e inclui as categorias de ADJETIVOS, PROFISSIONAIS, NÃO PROFISSIONAIS, LOCATIVOS, RECIPIENTES, UTENSÍLIOS e COLETIVOS;
- em rosa, há uma rede semântica específica e produtiva que abrange línguas românicas ocidentais (francês, catalão, espanhol, galego e português) e inclui as categorias de VEGETAIS, OBJETOS DE USO PESSOAL e EXCESSO;
- em azul, há uma rede específica e produtiva que caracteriza as línguas românicas desenvolvidas na Península Ibérica, ou seja, catalão, espanhol, galego e português, abrangendo as categorias semânticas de GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATITUDINAIS (Simões Neto, 2020, p. 641).

Para melhor expor a análise feita por Simões Neto (2020), cabe trazer os exemplos mencionados pelo autor. Na chamada “rede semântica fixa e básica”, aquela compartilhada por todas as línguas românicas, estão as seguintes categorias: “adjetivos”, “profissionais”, “não profissionais”, “locativos”, “recipentes”, “utensílios” e “coletivos”. No grupo dos “adjetivos”, há o latim *dentarius* “relativo aos dentes”, o romeno *culinar* “culinário”, o italiano *fienai* “relativo ao feno”, o francês *avocassier* “que diz respeito aos advogados”, o catalão *abeller* “relativo às abelhas”, o

espanhol *aceitero* “relativo ao azeite”, o galego *xamoneiro* “relativo ao presunto” e o português *hoteleiro* “relativo a hotel”.

No grupo dos “agentes profissionais” estão: o latim *unguentārius* “perfumista”, o romeno *aldărar* “caldeireiro”, o italiano *gelataio* “sorveteiro”, o francês *teinturier* “tintureiro”, o catalão *confiturer* “fabricante ou vendedor de geleias”, o espanhol *florero* “florista”, o galego *arquiveiro* “arquivista” e o português *abelheiro* “apicultor”. Dentre os “agentes não profissionais” estão: o latim *fornicarius* “adúltero, viciado na devassidão”, o romeno *colivar* “indivíduo que está em todos os enterros”, o italiano *linguaio* “gramatiqueiro”, o francês *épistolier* “pessoa que escreve muitas cartas”, o catalão *bagasser* “pessoa que frequenta prostíbulos”, o espanhol *chaquetero* “bajulador”, o galego *cagalleiro* “pessoa que defeca com muita frequência” e o português *peidorreiro* “pessoa que peida muito”.

No grupo dos “locativos” estão: o latim *gallinārium* “galinheiro”, o romeno *porumbar* “pombal”, o italiano *cavolaio* “terreno repleto de repolhos”, o francês *oignonière* “plantação de cebolas”, o catalão *formiguer* “formigueiro”, o espanhol *lagartera* “toca de lagartos”, o galego *pataqueiro* “campo de batatas” e o português *palheiro* “depósito de palha”. No grupo básico dos objetos, que inclui “recipientes e utensílios”, aparecem: o latim *vīnārium* “vasilha para vinho”, o romeno *acar* “estojos para agulhas”, o italiano *braciaio* “braseiro”, o francês *pilulier* “pequena caixa onde se guardam remédios e pílulas”, o catalão *cendrer* “cinzeiro”, o espanhol *licorera* “vasilha para o licor”, o galego *lapiseiro* “estojos para lápis” e o português *dedaleira* “estojos para guardar dedais”.

Por último, na rede semântica básica, estão os “coletivos”, que incluem: o latim *ovīaria* “rebanho”, o romeno *chestionar* “questionário”, o italiano *lucciolaio* “conjunto de vaga-lumes”, o francês *fablier* “conjunto de fábulas”, o catalão *cançoner* “cancioneiro”, o espanhol *cucarachero* “conjunto de baratas”, o galego *vidreira* “conjunto de vidros” e o português *tainheira* “cardume de tainhas”.

Na rede semântica das descendentes de X-ari- entre as línguas românicas ocidentais, segundo Simões Neto (2020), aparecem produtivamente as categorias “vegetais”, “objetos de uso pessoal” e “excesso”. A ideia de línguas românicas ocidentais segue a classificação de Wartburg (1952)¹⁰, assim, excluem-se o italiano e o romeno, entre as línguas estudadas por Simões Neto (2020). Por uma questão de ordem prática, destaca-se, dessa segunda rede semântica, apenas os “vegetais”¹¹, que incluem o francês *bergamotier* “tangerineira”, o catalão *guaiaber* “goiabeira”, o espanhol *chayotera* “chuchuzeiro”, o galego *framboeseiro* “planta que produz framboesa” e o português *açaizeiro* “planta que produz açaí”.

Por último, Simões Neto (2020) apresenta uma rede de significados vistos apenas entre as línguas românicas ibéricas, ou seja, além do italiano e do romeno, exclui-se também o francês. As categorias semânticas apontadas pelo autor são: “gentílicos”, “anomalias” e “atitudinais”. São exemplos de “gentílicos”: o catalão *burjassoter* “natural de Burjassot”, o espanhol *habanero* “natural de Havana”, o galego *sampauleiro* “natural de São Paulo” e o português *iporangueiro* “natural de Iporanga/SP”.

Entre as “anomalias” estão: o catalão *boquera* “fissura labial”, o espanhol *bacera* “doença que ataca o baço dos animais”, o galego *denteira* “sensação desagradável que dá nos dentes” e o português *unheiro* “infecção na pele que rodeia a unha”. Quanto aos “atitudinais”, são vistos: o catalão *roncadera* “ação de roncar excessivamente”, o espanhol *orinadera* “ação de urinar repetidamente”, o galego *parideira* “ação de parir do gado” e o português *chiadeira* “reclamação, queixa reiterada”.

Outro aspecto semântico comentado por Simões Neto (2020) é a presença de padrões metafóricos e metonímicos nas construções morfológicas analisadas. Alguns

¹⁰ Simões Neto (2020) menciona a existência da classificação de Maurer Junior (1951), que coloca o italiano e todas as línguas românicas da Península Itálica como ocidentais. O fenômeno estudado por Simões Neto (2020), no entanto, parece confirmar a proposta de Wartburg (1952).

¹¹ Sobre essa categoria em especial, ver o trabalho de Simões Neto e Viaro (2021).

padrões são vistos em todas as línguas românicas estudadas, como o caso da metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL.

Quadro 1 – Metáfora SER HUMANO É ANIMAL nas línguas românicas.

Língua	Palavra	Significado literal	Significado metafórico
ROM	<i>viespar</i>	vespeiro	lugar de muito conflito
ITA	<i>moscaio</i>	lugar cheio de moscas	reunião de pessoas chatas
FRA	<i>moutonnier</i>	relativo a ovelhas	que segue cegamente aos outros
CAT	<i>porquera</i>	chiqueiro	lugar muito sujo
ESP	<i>alacranero</i>	lugar cheio de escorpiões	lugar com pessoas inescrupulosas
GAL	<i>rateiro</i>	animal que é bom caçador de ratos	pessoa que rouba coisas de pouco valor
POR	<i>raposeiro</i>	[a base é “raposa”]	indivíduo manhoso, ardiloso, astuto

Fonte: Simões Neto (2020, p. 631).

Os aspectos semânticos levantados por Simões Neto (2020) serão retomados na próxima seção, que apresenta os usos antropônimos das construções X-eir- do português, permitindo verificar quais categorias semânticas se converteram em antropônimos.

5 Análise dos dados e definição das categorias semânticas

Após a execução dos procedimentos metodológicos já descritos e com foco nas ocorrências associadas ao formativo -eir(o/a)¹², chegamos a um total de 105 sobrenomes. Por meio da pesquisa etimológica realizada a partir da consulta aos dicionários mencionados, analisando caso a caso, foi possível determinar, com base

¹² Optamos por trabalhar apenas com os sobrenomes que apresentaram o formativo -eir(o/a) em posição final, desconsiderando aqueles que passaram por mais de um processo derivacional. Sendo assim, a flexão em número foi mantida. Também não podemos olvidar a diferença entre sufixação e terminação, como consta em Viaro (2011), que afasta, em termos diacrônicos, itens como “madeira”, “cadeira” e “macaxeira” de uma sufixação em -eira.

em Rodrigues (2024), as seguintes categorias semânticas para este trabalho: a) Animais; b) Aspectos profissionais, títulos ou utensílios; c) Aspectos regionais, da vegetação ou locais de proveniência; d) Características físicas, aspectos psicológicos ou comportamentais; e) Elementos referentes à religião; e f) Outros.

Tais informações foram reunidas e podem ser observadas no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Sobrenomes associados ao formativo -eir(o/a) e suas respectivas categorias semânticas.

Categorias semânticas	Número de ocorrências	Sobrenomes
Animais	3	Carneiro, Cordeiro, Raposeiro
Aspectos profissionais, títulos ou utensílios	31	Barbeiro, Caixeiro, Caldeira, Calheiros, Carpinteiro, Carquejeiro, Carreiro, Caseiro, Cavaleiro, Engenheiro, Escudeiro, Ferreiro, Forneiro, Guerreiro, Linheiro, Maleiro, Marinheiro, Mineiro, Moleiro, Monteiro, Padeiro, Pedreiro, Pedreiros, Peliteiro, Quinteiro, Rateiro, Sapateiro, Serralheiro, Sineiro, Tendeiro, Tesoureiro
Aspectos regionais, da vegetação ou locais de proveniência	59	Arneiro, Arzileiro, Bandeira, Barreira, Barreiro, Barreiros, Brasileiro, Cabreira, Carreira, Carvalheiro, Casqueiro, Castanheira, Cerqueira, Cerveira, Codesseira, Couceiro, Craveiro, Feijoeiro, Ferreira, Figueira, Figueiras, Gameiro, Junqueira, Ladeira, Lameira, Lameiras, Lameiro, Laranjeira, Laranjeiro, Limeira, Macieira, Madureira, Malheiros, Malveiro, Medeiros, Milheiro, Moreira, Nogueira, Oliveira, Palmeira, Palmeiro ¹ , Parreira, Pedreira, Pereira, Pessegueiro, Pinheiro, Ramalheiro, Ribeira, Ribeiro, Salgueiro, Sequeira, Sequeiro, Silveira, Sobreiro, Sobreiros, Taveira, Teixeira, Valeiro, Viveiros
Características físicas, aspectos psicológicos ou comportamentais	8	Cabeleira, Casaleiro, Cavalheiro, Ligeiro, Rasteiro, Trigueiro, Verdadeiro, Vergueiro

Elementos referentes à religião	2	Palmeiro ² , Romeiro
Outros	2	Caveira, Janeiro

Fonte: elaborado pelos autores.

Comparando os resultados encontrados por Simões Neto (2020) com os dados analisados na ocasião desta pesquisa, observamos que o formativo -eir(o/a) esteve, de fato, associado a uma rede semântica que envolve “adjetivos” (“Casaleiro”, “Sequeira”¹³, “Trigueiro”, “Verdadeiro” etc.), “agentes profissionais” (“Barbeiro”, “Carpinteiro”, “Ferreiro”, “Marinheiro” etc.), “agentes não profissionais” (“Palmeiro”¹⁴, “Romeiro”), “locativos” (“Casqueiro”), “objetos/recipientes” (“Bandeira”, “Caldeira”, “Caveira”), “coletivos” (“Cabeleira”), “vegetais” (“Castanheira”, “Feijoeiro”, “Pessegueiro” etc.) e “gentílicos” (“Arzileiro”, “Brasileiro”). Para além, também identificamos a ocorrência de três sobrenomes ligados à categoria “Animais”, ainda que em nossos dados não pareçam aludir à metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL.

Destarte, analisando as categorias aqui determinadas e o comportamento do formativo -eir(o/a) nos sobrenomes a elas relacionados, observamos uma predominância quantitativa associada aos “Aspectos regionais, da vegetação ou locais de proveniência”. Em termos gerais, essa categoria disse respeito a árvores/frutos (a exemplo de “Moreira”, “Nogueira”, “Oliveira” e outros), minérios (“Ferreira”), locais com abundância ou relevância de determinado elemento na região (como em “Cabreira”, “Lameira” e “Malveiro”), formações naturais (“Ladeira”, “Ribeira”), local em que se desenvolve uma ação específica (“Casqueiro”, “Madureira”) e gentílicos. Também foi expressiva a presença de itens ligados à categoria “Aspectos profissionais, títulos ou utensílios”, indicando, quase sempre, agentes profissionais (com o curioso

¹³ Segundo Guérios (1981, p. 224): “Deriv. de sequeiro: ‘lugar seco, que não é regado’”.

¹⁴ Segundo Machado (2003, p. 1123, grifos do autor): “[apel.] Ant. alc. Do s.m. *palmeiro*, «peregrino» [...], acepção devida ao facto de os peregrinos trazerem da Terra Santa um ramo de *palma*, em sinal de terem concluído a sua peregrinação. Neste sentido já se usava no séc. XIII o voc. alatinado *Palmarius*”.

caso de “Rateiro”, em que o agente profissional é não humano, pois refere-se a um gato que caça ratos). Essas duas categorias somadas corresponderam a 85% da amostra total.

Em Simões Neto (2020), a categoria aqui intitulada “Características físicas, aspectos psicológicos ou comportamentais” esteve representada, em sua grande maioria, pelo que o autor chama de “adjetivos”, o que se coaduna com o referencial semântico acionado nesta análise. Apenas o sobrenome “Cabeleira” aproxima-se mais, em Simões Neto (2020), dos “coletivos”, na condição de “conjunto de cabelos da cabeça”. À parte isso, considerando as categorias propostas por Simões Neto (2020), nesta análise não encontramos exemplos de sobrenomes relacionados a “anomalias” e “atitudinais”. Portanto, diante do exposto, passemos agora às nossas palavras finais.

6 Considerações finais

O trabalho exaustivo realizado por Simões Neto (2020) buscou analisar as construções X-eir- presentes em línguas românicas – segundo a determinação de critérios particulares – sob diversos referenciais semânticos, inclusive a partir da indicação de categorias. Nessa circunstância, como explicamos, os itens investigados circunscreveram o léxico dos nomes comuns. De outro lado, neste trabalho, escolhemos analisar especificamente os sobrenomes, itens que permeiam o léxico dos nomes próprios, estabelecendo um recorte à tese de Rodrigues (2024), de onde foram aproveitados os *corpora* analisados e parte de seus procedimentos metodológicos. Nesse sentido, recordemos ainda que “Em português, bem como em muitas outras línguas, não é possível diferenciar os nomes comuns dos nomes próprios por meio de marcas morfológicas. Assim, qualquer palavra ou sequência de palavras pode vir a ser um nome próprio” (Amaral; Seide, 2020, p. 101). Por essa razão, acreditamos na importância deste trabalho ao estabelecer uma análise comparativa entre itens do léxico comum e do léxico dos nomes próprios, numa interface cognitiva e morfossemântica.

Isso posto, e depois da concisa revisão executada na seção “Contextualização onomástica”, pudemos entender como se deu a escolha e a conformação dos novos itens que vieram a integrar, em seguida à “derrocada” do patronímico, o quadro onomástico português e, por conseguinte, o quadro onomástico brasileiro, herdado lexicalmente via colonização e, após, via imigração. Esses ditos “novos itens” ligam-se, em sua maior parte, às alcunhas, elementos não oficiais que costumam ser escolhidos por outras pessoas que não o próprio indivíduo que os carregam, referindo-se a qualquer particularidade deste, como uma característica física ou comportamental, seu local de proveniência (em casos de migração) ou mesmo em referência a algum elemento do seu hábitat, de seu desempenho profissional etc. Nesse caso, nomes comuns são transcategorias em nomes próprios e, ao serem transmitidos ao longo de uma linha de descendência, passam a figurar como “nomes de família”.

Quando comparamos as informações obtidas por meio da amostra analisada nesta pesquisa, com base nos documentos investigados por Rodrigues (2024), com as conclusões de Simões Neto (2020), verificamos que as categorias semânticas que mais frequentemente se converteram em sobrenomes estiveram ligadas a elementos da vegetação (incluindo a ocorrência de gentílicos) e a atividades profissionais, representando 85% dos casos. Em contrapartida, nesta análise não foram verificadas ocorrências ligadas às categorias “anomalias” e “atitudinais” – principalmente em se tratando de doenças ou de atitudes julgadas como depreciativas, talvez por configurarem uma espécie de tabu linguístico. É claro que apenas a continuidade da pesquisa em termos quantitativos – com a análise, por exemplo, de novos *corpora*, a fim de obter uma amostra mais diversa – poderia determinar com maior precisão tais pormenores, ainda que julguemos que esta iniciativa tenha cumprido ao propósito de elucidar informações decisivas acerca do comportamento antropônimo do formativo -eir(o/a). Ademais, incentivamos o desenvolvimento de futuros trabalhos seguindo tal

perspectiva, inclusive quanto a outros formativos que também se mostrem pertinentes em meio ao léxico comum e ao léxico antroponímico.

Referências

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa:** introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

BARBOSA, R. Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil. *Arquipélago História*, Ponta Delgada, v. 7, p. 173-196, 2003. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/387>.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199695720.013.0010>

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CÂMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1997.

CARVALHINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2007. DOI <https://doi.org/10.14393/DL1-v1n1a2007-9>

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Coletânea de Estudos, 1992.

GEERAERTS, D. Introduction. In: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006, p. 1-28. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110199901.1>

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia Construcional:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016b. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0003>

GONÇALVES, I. Antropónima das terras alcobacenses nos fins da Idade Média. **Do Tempo e da História**, Lisboa, v. 5, p. 159-200, 1972. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38218>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GONÇALVES, I. Do uso do patronímico na baixa Idade Média portuguesa. **Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam**, Porto, v. 1, p. 347-363, 1999. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3190.pdf>.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria Ltda, 1981.

HASPELMATH, M. The geometry of grammatical meaning: Semantic maps and cross-linguistic comparison. In: TOMASELLO, M. (ed.). **The New Psychology of Language**. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 211-242.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. v. 2.

MARCATO, C. **Nomi di persona, nomi di luogo:** introduzione all'onomastica italiana. Bologna: Il Mulino, 2009.

MAURER JR, T. H. **A unidade da România Ocidental**. São Paulo: Boletim da Cadeira de Filologia Românica da FFCL-USP, 1951.

MONTEIRO, N. G. Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica. **Etnográfica**, Lisboa, v. 12, p. 45-58, 2008. DOI <https://doi.org/10.4000/etnografica.1599>

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NUNES, N. N.; KREMER, D. **Antropónima primitiva da Madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)**. Tübingen: Niemeyer, 1999. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110909425>

PETKOVA, G. Slavonic person names, derived from a roman agnomen. **Speech and contexts**, Bălti, v. VIII, p. 17-21, 2016. Disponível em: http://dspace.usarb.md:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3102/limbaj_context_1-2_2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y#page=17. Acesso em: 7 out. 2024.

RODRIGUES, L. S. **Antropônimos inovadores**: de germânicos a baianos. Salvador: EdUFBA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35102>.

RODRIGUES, L. S. **Caminhos da imigração**: os sobrenomes que contam histórias. 2024. 498 f. 2 tomos. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

RODRIGUES, L. S. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RODRIGUES, L. S. **Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?** 2019. 655 f. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, L. S. Onomástica e imigração: investigando os sobrenomes portugueses. In: SIMÕES NETO, N. A.; SANTOS, A. V. dos; NASCIMENTO, H. I. de O. (org.). **Língua portuguesa**: temas em Filologia e Linguística Histórica. Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. p. 165-182.

RODRIGUES, L. S. O papel da Morfologia Construcional na formação de antropônimos neológicos. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 108-123, 2020. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n1a31661>

RODRIGUES, L. S.; VIARO, M. E. Antropónimia brasileira: considerações sobre neologia a partir do modelo bitemático germânico. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Nomes próprios**: abordagens linguísticas. Salvador: EdUFBA, 2021. p. 75-98.

SANTOS, M. L. F. de O. S. A Onomástica, o indivíduo e o grupo. **Arquipélago História**, Ponta Delgada, v. 7, p. 229-242, 2003. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria_Santos_p229-242.pdf.

SEIDE, M. S. Definições e usos dos termos “Antropónimia” e “Antroponomástica” em dissertações e teses do Observatório Onomástico (O-Onoma). In: AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S.; RECH, G. C. (org.). **Os nomes próprios no Brasil**: contribuições do Observatório Onomástico (O-Onoma). São Paulo: Pontes, 2024. p. 63-87.

SIMÕES NETO, N. A. **O esquema X-ari- do latim às línguas românicas:** um estudo comparativo, cognitivo e construcional. 2020. 5 v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antropônima brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1-56, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1295-1350>

SIMÕES NETO, N. A.; VIARO, M. E. Investigação histórica do sufixo -eir- na nomeação de vegetais em língua portuguesa. **Studia Universitatis Babes-Bolyai Philologia**, Bucareste, v. 4, p. 127-146, 2021. DOI <https://doi.org/10.24193/subbphilo.2021.4.08>

SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-EIR-]Nj no português arcaico. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, v. 1, n. especial, p. 83-111, 2013. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2013.v0n0a4008>

SOLEDADE, J.; LOPES, M. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos; SOLEDADE, J. (org.). **Saberes lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: EdUFBA, 2015. p. 429-461.

VASCONCELOS, J. L. de. **Antropônima portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VIARO, M. E. A Morfologia Histórica e os estudos etimológicos da língua portuguesa. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, número especial, p. 39-64, 2013. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2013.v0n0a4006>

VIARO, M. E. **A derivação sufixal do português:** elementos para uma investigação semântico-histórica. 2011. 220f. Tese (Livre-docência) – Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

WARTBURG, W. V. **La fragmentación lingüística de la Romania**. Madrid: Gredos, 1952.